

Área Temática: Perícias médicas, psíquicas e antropológicas

Violência letal contra mulheres e indicadores macroestruturais: evidências de um painel global para inteligência analítica em segurança pública

F.C. Bitencourt ^{a,*}, E.T. Pereira ^b, L. Ferraz ^a, J.P.S. Dutra ^a, G.P.A. Rocha ^a, J.C.M. Narvaez ^a, H.F. Moura ^c

^a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

^b Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

^c Universidade de Brasília, Distrito Federal (DF), Brasil

* felipe.cb2511@gmail.com

INTRODUÇÃO

A violência letal contra mulheres constitui uma das expressões mais extremas da violência de gênero e apresenta variação sistemática entre países e ao longo do tempo. A identificação dos fatores estruturais associados a essa variação qualifica a análise de risco territorial e amplia a base empírica da inteligência forense.

As séries internacionais comparáveis registram o homicídio feminino, definido como toda morte violenta intencional de mulheres, e não o feminicídio em sentido estrito [1]. O conceito é menos específico quanto à motivação, porém mais adequado à comparação entre países.

Quais variáveis estruturais se associam à distribuição por sexo da violência letal em escala global?

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo ecológico com painel país-ano de 2010 a 2023, com 3.654 observações de 217 países, a partir de séries do Banco Mundial, do UNODC [2], do PNUD, da União Interparlamentar e da OIT.

A violência letal contra mulheres foi analisada por dois indicadores. A taxa de homicídio feminino, por 100 mil mulheres, expressa a magnitude do fenômeno. A fração feminina da violência letal, razão entre essa taxa e a taxa geral de homicídios, expressa sua composição por sexo. O cálculo da fração exige as duas séries, disponíveis para 1.477 observações de 146 países.

Os indicadores foram correlacionados com sete covariáveis estruturais pelo coeficiente de Spearman, com intervalos de confiança de 95% por reamostragem de países; para a taxa feminina, calculou-se também a correlação parcial controlada pela taxa geral. A fração foi modelada por regressão linear múltipla, com erros-padrão agrupados por país.

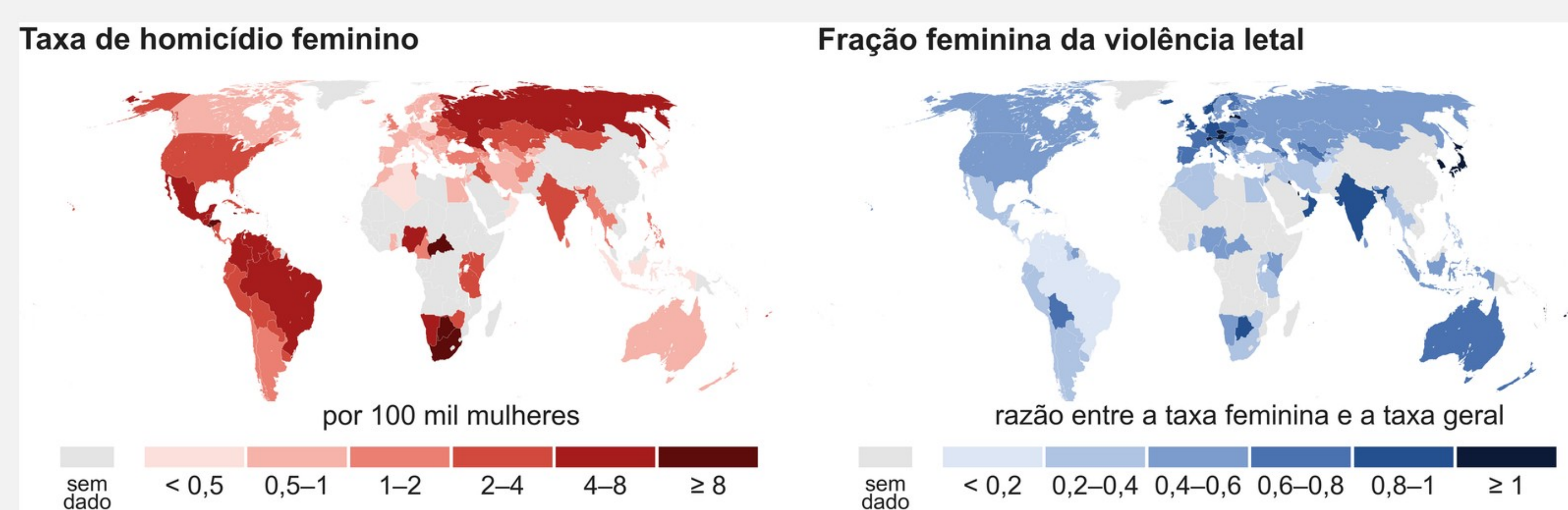


Figura 1. Taxa de homicídio feminino e fração feminina da violência letal, médias por país de 2010 a 2023. Agregados regionais do Banco Mundial excluídos.

MAGNITUDE DO HOMICÍDIO FEMININO

A taxa de homicídio feminino associa-se positivamente à mortalidade materna e às desigualdades de gênero e de renda, e negativamente ao IDH e ao PIB per capita. As maiores taxas concentram-se na América Latina e no Caribe e, em seguida, na África Subsaariana.

Essas associações refletem, em grande parte, o nível geral de violência letal de cada país. Controlada a taxa geral de homicídios, somente a associação com a desigualdade de renda permanece distinguível de zero, e com sinal invertido. Como a taxa feminina cresce menos do que proporcionalmente à taxa geral, nos contextos de violência letal elevada as mulheres representam parcela menor das vítimas, ainda que sua taxa de homicídio permaneça alta.

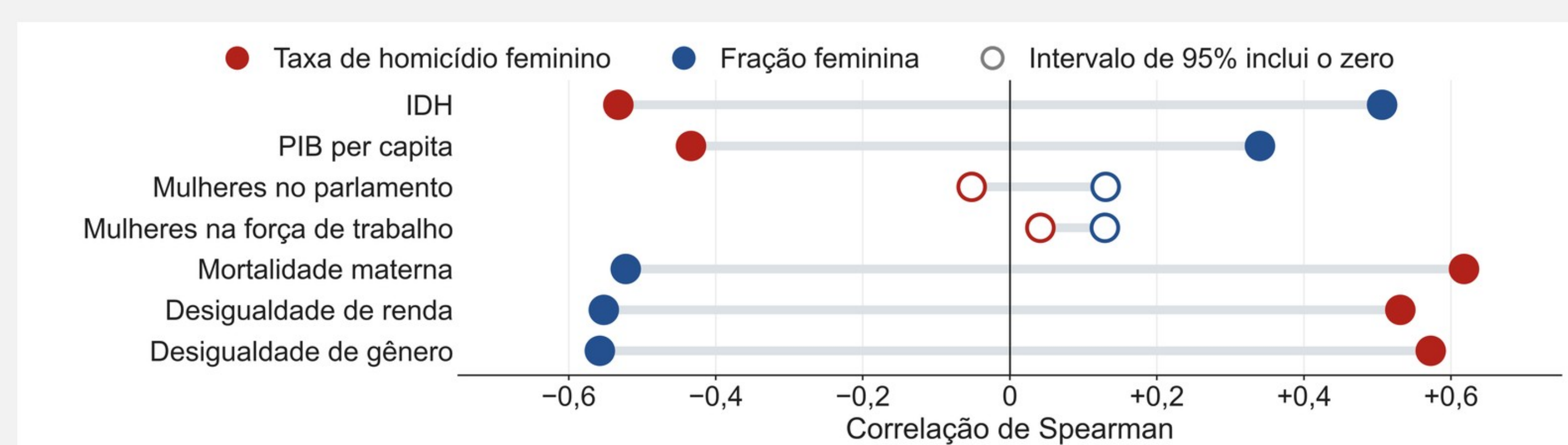


Figura 2. Correlações de Spearman. Marcador vazado: intervalo de 95% que inclui o zero.

COMPOSIÇÃO POR SEXO DA VIOLÊNCIA LETAL

Para as cinco covariáveis associadas à taxa absoluta, a fração feminina apresenta associação significativa de sinal oposto. Em contextos de maior desenvolvimento humano e econômico, a taxa de homicídio feminino é menor e, simultaneamente, as mulheres representam parcela maior das vítimas.

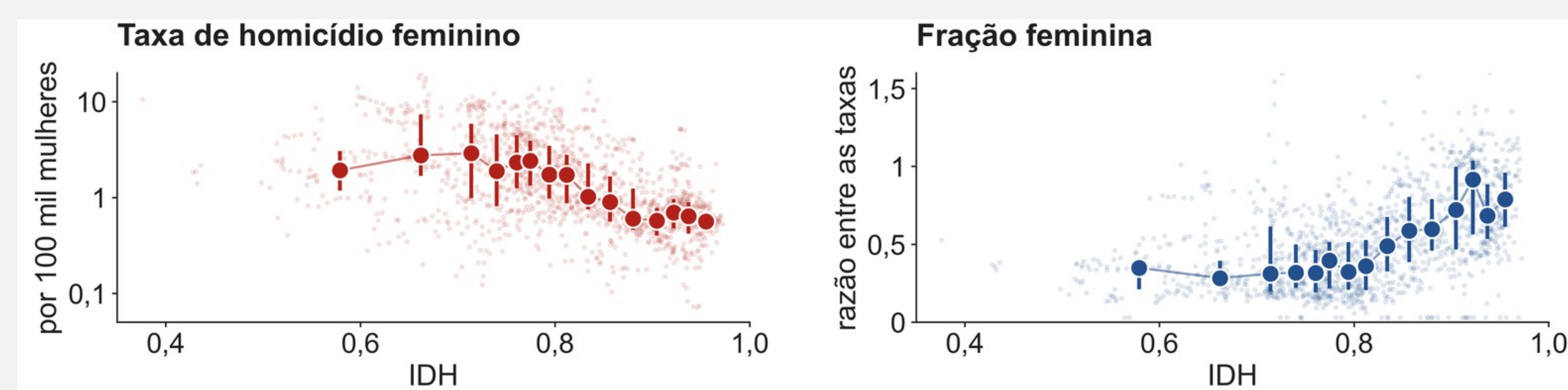


Figura 3. Mediana e intervalo interquartil em 15 faixas de IDH; ao fundo, os anos-país.

O desenvolvimento associa-se à redução da magnitude, mas não da participação, o que indica que a violência letal contra mulheres responde menos ao desenvolvimento do que a violência letal em geral. Homicídios de homens ocorrem sobretudo fora de casa, na criminalidade urbana e armada, e os de mulheres no espaço doméstico e relacional [2], que a melhora das condições gerais alcança menos.

A participação feminina no parlamento e na força de trabalho não se associa à taxa absoluta e associa-se apenas fracamente à fração, com intervalo de confiança que inclui o zero. A direção é compatível com o paradoxo nórdico, que combina alta igualdade de gênero e alta prevalência de violência contra a mulher [3], mas as dimensões política, econômica e laboral da igualdade de gênero não convergem [4] e não devem ser tratadas como variável única.

Na regressão múltipla da fração, IDH, PIB per capita e desigualdade de gênero perdem significância, e apenas a desigualdade de renda mantém efeito próprio. A forte intercorrelação entre os indicadores de desenvolvimento sugere que captam a mesma dimensão, e que a composição por sexo da violência letal se associa mais à distribuição da renda do que ao seu nível.

CONCLUSÃO

Maior desenvolvimento e menor violência letal geral associam-se a menores taxas de homicídio feminino, mas não à redução da participação das mulheres entre as vítimas. Ganhos gerais não substituem, portanto, políticas específicas de prevenção da violência de gênero, e a inteligência analítica deve monitorar os dois indicadores em conjunto. O desenho ecológico não autoriza inferência causal em nível individual.

REFERÊNCIAS

- [1] M. Dawson, M. Carrigan. Current Sociology 69(5) (2021) 682–704.
- [2] UNODC. Global Study on Homicide 2023. Vienna (2023).
- [3] E. Gracia, J. Merlo. Soc. Sci. Med. 157 (2016) 27–30.
- [4] M.R. Santos et al. Int. Criminol. 1(4) (2021) 299–314.